

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS ENCONTROS DO FUNDÃO
11 de junho de 2026

DEAD SOULS / 2025
(“*Almas Mortas*”)

Um filme de Alex Cox

Realização: Alex Cox / *Argumento:* Alex Cox e Gianni Garko, com base em *Almas Mortas* de Nikolai Gógol / *Produção:* Merritt Crocker, Guillermo de Oliveira / *Coprodução:* R. Michael Fierro, Willem Heerbaart, Joaquin Montes Huerta, Rob Jensen, Adam Schoon, Brett Taylor, Jesse Whiteman / *Produção Associada:* Kyle Curry, Jeff Hause, Jamie Jamieson, Madmartigan, Betsy Nofsinger, Adam Rutkowski, Jamie Wilson-Webb, Del Zamora / *Produção Executiva:* Tod Davies, Abby Harris, Amer Hilal, Stephen E. Lawrence, David Nedrow, Etienne Thomas / *Música:* Dan Wool / *Direção de Fotografia:* Ignacio Aguilar, Chance Falkner / *Montagem:* Merritt Crocker / *Casting:* Reed Chandler / *Design de Produção:* Leonardo Giménez (Espanha), Melissa Woods (Arizona) / *Direção Artística:* Jere Sallee / *Guarda-roupa:* Leonardo Giménez / *Som:* Nicolás Gabriel (Espanha), Nolan Veneklasen (Arizona) / *Interpretações:* Alex Cox (Strindler), Zander Schloss (Borracho), Merritt Crocker (Crocker), Maria Robles (Nuria), Eric Schumacher (Mayor Avery Senator), Brendan Guy Murphy (Sheriff Purdy), Ted Falagan (Mr. Oso), Ed Pansullo (The Undertaker) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 88 minutos / *Estreia Mundial:* Outubro de 2025, Festival Internacional de São Paulo / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Sessão apresentada por Vasco Teles de Menezes.

Agora que Alex Cox anunciou a conclusão da sua obra – pelo menos como realizador – será importante não se cair na tentação de a reduzir a dois ou três títulos de culto que lhe granjearam maior reconhecimento público. Não é avisado fazê-lo por várias razões, sendo a principal este seu “last hurrah”: **Dead Souls**. Se a “obra última” costuma compreender um trajeto mais ou menos revisionista sobre toda uma filmografia, dir-se-ia que **Dead Souls** refaz o caminho mais pedregoso que podemos trilhar sobre um *corpus* composto por um total de cerca de trinta títulos.

Trata-se menos, portanto, de retornarmos aqui, quer dizer, *a partir daqui*, aos filmes que deram nome na praça a este realizador britânico formado na Califórnia, do que inspecionar os recantos mais recônditos, e alguns aspetos por deslindar, da sua filmografia. Impõe-se, por isso, que se fale menos de **Repo Man** (1984) ou de **Sid & Nancy** (1986) do que, por exemplo, de **Walker** (1987), **Straight to Hell** (1987) e **The Searchers 2.0**. (2007). Esta seleção de títulos (pelo menos esta) consubstancia uma reflexão posta em celuloide por Cox sobre um certo *Quo vadis América?*, quer dizer, em torno da constituição desse território tão sonhado quanto contrafeito, à procura de si mesmo e muitas vezes a ferro e fogo. A ideia de que este é um país forjado em chamas e em sangue atravessa este friso cinematográfico que conta a história de homens desfigurados pelo poder e pelo dinheiro, avançando, sem pensar duas vezes, na conquista do território, mesmo quando à custa da sua própria humanidade. O mais ameno deles, a ficção semidocumental **The Searchers 2.0**, teoriza sobre esse passado sangrento a partir de uma lembrança agri-doce do faroeste e do género cinematográfico mais americano de todos, o *western*. Dois atores menores (um deles, Del Zamora, é produtor associado e participa no elenco [ainda que não esteja creditado])

de **Dead Souls**), últimos testemunhos do esplendor do “wild west” numa altura em que o cinema ainda importava para a vida das pessoas, partem em viagem, rumo a Monument Valley, com o intuito de ajustarem contas com o passado. A dado momento, um deles fundamenta o conceito de justiça “à americana” com o de vingança.

Walker, porventura a sua *magnum opus*, tem no centro da sua história, como quem diz, no *bullseye* da história de violência maior que é a americana, a figura de William Walker, um mercenário autoproclamado democrata e humanista que faz de uma Nicarágua em ebulição palco para uma ditadura selvática em que o político se converte numa espécie de “rei sol”. É a história da América concentrada num pequeno e esquecido rodapé da história maior que se conta e tanto se propagandeia em filmes ou numa série de fábulas contemporâneas que nos têm como alvos.

A notável construção de Ed Harris em **Walker** ressoa na máscara de Alex Cox em **Dead Souls**. E o comentário à história que um país construiu para si mesmo nunca teve contornos tão agrestes do ponto de vista político. Na pele de Strindler, Cox encontra o ponto de fuga que nos ajuda a entender melhor o presente. Ele é uma espécie de versão burocratizada de Walker, a fazer lembrar essa figura medianeira, que revira de alto a baixo toda uma comunidade, interpretada por Toshiru Mifune em **Yojimbo** (1961) de Akira Kurosawa. É o homem providencial ao serviço de um poder qualquer – o do governo? De Deus? Não se percebe nunca ao certo de onde vem esta providência... – que não pretende redimir nada nem ninguém. A sua mera presença – é a potência do intruso ou do forasteiro no mais proverbial *western* americano – permite à comunidade rever-se ao espelho em tudo o que tem de ínvio ou de moralmente corruptível. Mas o que pode esta fazer face àquilo que descobre sobre si mesma? Pouco ou nada.

Cox serviu-se do romance *Almas Mortas* do russo Nikolai Gógol para comentar a semente que fez brotar do deserto as várias flores do mal que contam a história de um país. O caminho é longo e tortuoso, mas da Rússia Imperial à América de Trump será um passo – aquele que é dado *no* protagonista, num surpreendente gesto de montagem, entre a vigília alucinada (efeito da droga que consome de maneira imprevidente ou da bebida estragada que lhe oferecem a dado momento?) e o sonho mais-do-que-clarividente (em que nos vemos no presente, com Strindler ao serviço do exército norte-americano, sendo-lhe dirigida a proposta de distorcer a realidade mediante um “censos” fraudulento [mais um?]).

Em **Straight to Hell**, um bando de assaltantes ia parar a uma cidadela onde todo o tipo de degenerados assentava arraiais. Bandidos indo ao encontro de degenerados. E também este era um musical com laivos de *western* (ao som da música *folk* de aspeto *punk* dos The Pogues). Aqui, o musical destina-se a ser interpretado pelos mortos e o herói da ópera-bufa é um desgraçado ao serviço de uma missão ignóbil: em suma, a de mascarar com estatísticas ou números de falsa exatidão a falta de humanidade subjacente a esse projeto de país chamado América. Como último grito, não está nada mal.

Luís Mendonça